

# Pressuposicionalismo

Vincent Cheung

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto<sup>1</sup>

O segundo tipo de apologética é o pressuposicionalismo. Essa abordagem recusa assumir primeiros princípios antibíblicos como o ponto de partida e estabelecer o caso para a fé sobre essa base. Em vez disso, o pressuposicionalismo debate esses primeiros princípios bem como a própria idéia de primeiros princípios, e recomenda a revelação divina como o fundamento necessário para todo pensamento e conhecimento, mostrando como ela autentica a si mesma e destrói todas as visões opostas.

Essa abordagem é vastamente superior ao evidencialismo. Ela se engaja com o incrédulo num nível totalmente diferente. Visto que o evidencialismo permanece sobre um fundamento irracional, o melhor que o cristão pode fazer ao usá-lo é mostrar que ele é menos irracional e o não-cristão é mais irracional. Mas tal abordagem não pode fornecer informação positiva sobre algo ou justificação para alguma alegação. Se for usado de alguma forma, sua função é negativa e o seu resultado é parcial. Por outro lado, o pressuposicionalismo alcança o próprio fundamento da racionalidade e conhecimento, e os primeiros princípios e conteúdos de verdades necessárias.

Contudo, antes de continuarmos, devemos fazer a distinção entre o pseudo-pressuposicionalismo e o pressuposicionalismo bíblico. Isso porque existe uma escola de pensamento que chama a si mesma de apologética pressuposicional, mas na realidade começa a partir de pressuposições não-bíblicas, de forma que não possui nenhuma das vantagens que se aplicam à apologética pressuposicional verdadeira.

O pseudo-pressuposicionalismo afirma que muitas das ferramentas intelectuais que os incrédulos usam são de fato racionalmente corretas, incluindo a sensação, intuição, indução e ciência. Contudo, dois problemas surgem quando as usamos. Primeiro, mesmo que essas ferramentas intelectuais realizem com confiança sua função esperada, os incrédulos não podem explicá-las, e não podem fornecer uma justificação racional para elas. Segundo, sem a revelação divina para fornecer os princípios ou pressuposições intelectuais controladoras, os incrédulos usarão essas ferramentas incorretamente, de forma que permitirão e produzirão conclusões falsas.

Existem, conseqüentemente, dois problemas fatais com o pseudo-pressuposicionalismo.

Primeiro, seus aderentes abraçam ferramentas e idéias intelectuais que são inerentemente irracionais, de forma que, mesmo que sustentem a revelação divina como o seu fundamento, ainda não podem justificá-las ou explicá-las. Assim, permanece o fato que essas ferramentas e idéias permitem e produzem conclusões falsas, de qualquer forma. E segue-se que introduzi-las em sua cosmovisão é envenenar o sistema inteiro.

---

<sup>1</sup> E-mail para contato: [felipe@monergismo.com](mailto:felipe@monergismo.com). Traduzido em Novembro/2006.

Por exemplo, quando confrontando os incrédulos e até mesmos os evidencialistas, os pseudo-pseudopressuposicionalistas organizam todos os tipos de argumentos contra a certeza das investigações empíricas. Embora não digam que as sensações não podem fornecer conhecimento de forma alguma, eles insistem que os incrédulos não podem explicar a confiança deles em suas sensações, e que suas sensações no mínimo os enganam algumas vezes.

Mas após ter afirmado a revelação divina como a pré-condição necessária para todo conhecimento, eles nunca continuam para oferecer uma demonstração precisa sobre como ela explica uma confiança nas sensações ou a crença que nossas sensações fornecem uma forma basicamente confiável de obter conhecimento. Eles simplesmente afirmam que é assim, e às vezes até mesmo lançam várias passagens bíblicas que eles alegam apoiar o ponto de vista deles, sem realmente mostrar a relevância das passagens ou mostrar que elas de fato provam o que eles alegam que provam. Da mesma forma, eles falham em explicar ou justificar a intuição, indução e ciência, entre outras coisas.

Segundo, não somente eles falham tão miseravelmente quanto os incrédulos em justificar ou explicar a sua confiança na sensação, intuição, indução e ciência, mas até mesmo admitem que essas formas irracionais de conhecimento e raciocínio são necessárias para descobrir os conteúdos da revelação divina. Em outras palavras, embora aleguem que é a revelação que explica, digamos, nossas sensações, são as nossas sensações que nos permitem acessar a revelação em primeiro lugar.

O resultado não é apenas um círculo vicioso desintegrando numa massa de confusão e absurdo, mas pior do que isso, eles se colocam na posição exata dos incrédulos –fazem de si mesmos e da sua investigação humana o centro e a pré-condição de todo conhecimento. Eles explicitamente colocam a revelação debaixo da sensação, intuição, indução e ciência. E de muitas formas, isso é até mesmo pior que uma filosofia explicitamente anti-cristã que tem senso suficiente para questionar epistemologias irracionais.

É fútil afirmar que esse sistema de pensamento consiste de uma rede de crenças ao invés de um círculo auto-destrutivo. A idéia é somente plausível se a sensação pode de fato acessar a revelação, e se ao mesmo tempo a revelação de fato afirma a confiabilidade da sensação. Visto que eles não podem demonstrar o último, o primeiro permanece impossível de ser explicado e justificado. Assim, não há nenhuma “rede” auto-sustentadora ou auto-justificadora de forma alguma, visto que os vários pontos dentro dessa assim chamada rede são de fato hostis uns aos outros.

Portanto, o pseudo-pseudopressuposicionalismo apresenta um mero despiste contra os incrédulos – sua confusão é a sua única força. E ele deixa como o seu legado um dos maiores embaraços na história do pensamento cristão. Para o nosso desapontamento, essa é também a escola predominante de pseudopressuposicionalismo. Ela faz fortes alegações e tem inúmeros seguidores, mas na realidade torna a fé cristã não menos vulnerável que qualquer outra cosmovisão irracional, visto que seu próprio fundamento é o irracionalismo anti-cristão.

Tal escola faz uma crítica pseudopressuposicional do evidencialismo, mas no final faz dos princípios do evidencialismo seu próprio ponto de partida epistemológico. Ela prospera mediante a boa vontade dos crentes em pensar que eles estão submetendo todos os seus pensamentos a Cristo, sem ter verdadeiramente questionado o comprometimento deles para com princípios antibíblicos. Como o evidencialismo, ela é antibíblica, irracional, impraticável

e também hipócrita. Contudo, como com o evidencialismo, por haver mais que o suficiente de incrédulos irracionais e crédulos nesse mundo, ela pode alcançar certa medida de sucesso. Em adição, a grande confusão que ela gera pode frequentemente fazer com que os incrédulos hesitem antes de perceber que a abordagem toda é nada mais que um absurdo auto-contraditório.

Assim, não rejeitamos apenas o evidencialismo, mas também o pressuposicionalismo falsificado. Em vez disso, nos voltamos para abraçar um pressuposicionalismo bíblico – a abordagem que verdadeiramente afirma a revelação como o único fundamento para a racionalidade e o conhecimento. Essa abordagem pode ser corretamente designada por vários termos, cada um enfatizando um aspecto diferente dela. Para distingui-la do pseudo-pressuposicionalismo, nomes tais como fundamentalismo bíblico e racionalismo bíblico são preferidos.

Os cristãos tendem a recuar diante de qualquer coisa que venha sob o rótulo de “racionalismo”, mas aqui estamos usando a palavra num sentido literal e não em seu sentido histórico ou popular. Algumas formas de racionalismo alegam captar a verdade pela “razão” somente, e rejeitam a revelação desde o princípio. Sem dúvida, não é isso que queremos dizer por racionalismo nesse contexto. Tanto cristãos como não-cristãos têm investido a palavra com tantos significados extras, que raramente a mesma representa a mera racionalidade, mas é frequentemente entendida como falsas suposições sobre epistemologia.

Assim, por “razão” somente, algumas pessoas incluem a idéia de usar a intuição para obter as premissas necessárias, mas eles não possuem nenhuma justificção para fazer isso. É também comum identificar razão com o uso da sensação e da ciência. Esse é o porquê algumas pessoas se queixam que eu abandono a razão quando rejeito a ciência como uma forma racional de conhecer algo sobre a realidade, embora eu faça isso precisamente porque a ciência falha em passar pela mais simples análise lógica. É porque os cristãos têm aceitado também esse conceito deturpado de razão que eles evitam colocar muita ênfase sobre ela, por temor de exaltar os poderes do homem acima da revelação divina. Contudo, essa preocupação é desnecessária uma vez que tiramos a bagagem extra adicionada à razão.

Agora, a primeira definição do dicionário *Merriam-Webster* para “racionalismo” é “confiança na razão como a base para o estabelecimento da verdade religiosa”. E sua segunda definição para “razão” diz: “o poder de compreender, inferir ou pensar, especialmente em formas racionais sistemáticas”. Não há nada nessas definições que requeria de nós rejeitar a revelação desde o princípio.

Então, visto que a mente de Deus é perfeitamente racional, e visto que sua revelação é perfeitamente racional, isso significa que qualquer coisa que contradiga a revelação divina é irracional. Dessa perspectiva, não há nada errado com identificar a revelação absolutamente com a razão – isto é, a revelação é razão com conteúdo. De fato, ao invés de adotar uma das posições tradicionais – fé *contra* razão, fé *e* razão, fé *acima* da razão, e assim por diante – tomamos a posição bíblica de que a fé *é* razão. Para evitar confusão, “razão” pode se referir ao pensamento logicamente válido sem referência a conteúdo, e “Razão” pode se referir à razão com conteúdo, isto é, a auto-divulgação da mente de Deus, ou de Cristo o Logos.

**Fonte:** Extraído e traduzido de *Students in the Real World*, de Vincent Cheung.